



## LAMINITE EQUINA: CAUSAS, SINAIS CLÍNICOS E TRATAMENTO

LINCK, Ieda M. Donati<sup>1</sup>; CAINO, Mabel Hoffmeister<sup>2</sup>; FERRAZ, Maiara<sup>3</sup>;

**Palavras-chave:**Laminite. Causas. Sinais clínicos.Tratamento.

### Introdução

Conforme Assis (2016), a laminite é uma inflamação nas lâminas do casco, sendo também uma doença perivascular periférica que se manifesta por uma diminuição na perfusão capilar no interior do membro, quantidades significativas de desvios arteriovenosos, necrose isquêmica das lâminas e dor, podendo levar a um grau de rotação ou afundamento da terceira falange, dependendo das lesões causadas. Segundo Hood (1999), ela pode afetar os quatro membros do animal, porém os membros torácicos são mais afetados, já que dão apoio a mais da metade do seu peso.

Em relação aos animais afetados, de acordo com Nicoletti et al (2000), os equídeos sofrem com pododermatite asséptica difusa (laminite), já que a mesma causa alterações vasculares inflamatórias nos tecidos laminares sensitivos. Para eles, os equídeos, principalmente, os pôneis são muito suscetíveis, com incidência até quatro vezes maior do que nos demais. Os autores também relatam que cavalos castrados possuem menos chances de desenvolver laminite, ao passo que animais na faixa etária de 4 a 10 anos estatisticamente apresentam maiores índices de laminite. Assim também, são mais vulneráveis os cavalos que são transportados e permanecem por vários dias em decúbito quadrupedal, sem alimentação e ingestão de água adequada.

Diante disso, nesse trabalho trataremos como problema os fatores fisiológicos que essa doença causa ao animal. E, optamos por aprofundar os conhecimentos sobre a laminite, pois é muito importante conhecer mais a respeito, já que esta doença pode trazer prejuízos à saúde e bem-estar do animal.

---

<sup>1</sup>Doutora do Programa de Pós- Graduação em Letras, UFSM. Bolsista Capes PDSE-Aveiro-Portugal.Mestre em Linguística-UPF. Docente da Unicruz. Coordenadora do Proenem-Unicruz. Email: [ilinck@gmail.com](mailto:ilinck@gmail.com)

<sup>2</sup>Acadêmica do Quarto Semestre do Curso de Medicina Veterinária da Unicruz. E-mail: [mabel.caino@hotmail.com](mailto:mabel.caino@hotmail.com)

<sup>3</sup>Acadêmica do Quarto Semestre do Curso de Medicina Veterinária da Unicruz. Email: [maiara.ferraz@hotmail.com](mailto:maiara.ferraz@hotmail.com)



## **Metodologia**

Durante o terceiro semestre de 2017, fomos orientadas pela professora Cléia Rosani Baiotto, na disciplina de metodologia da pesquisa, a escolher um tema da área da medicina veterinária. O desenvolvimento do trabalho foi embasado em artigos científicos. Este resumo expandido não consiste em contabilizar quantidades como resultado, mas, sim, conseguir compreender o comportamento da doença laminite, tornando-se uma pesquisa qualitativa, exploratória, pois visa proporcionar uma maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e bibliográfico já que estamos utilizando materiais já publicados.

Foram utilizados como base de dados pesquisas de artigos na internet em sites como Scielo, Ebsco e o Conselho Regional de Medicina Veterinária de São Paulo.

Para o desenvolvimento desse projeto, usamos um artigo do ano de 2000 e os demais a partir de 2008 até 2016. E como palavras-chaves: laminite, causas, sinais clínicos e tratamento.

A coleta de dados foi realizada utilizando a internet e será aplicada a interessados em obter os conhecimentos sobre a laminite, principalmente para a área da medicina veterinária.

## **Resultados e discussões**

Conforme Nicoletti et al. (2000), a pododermatite asséptica difusa é uma doença com pouca frequência, todavia ao acontecer acomete o aparelho locomotor do animal podendo causar a rotação da falange distal, já que há uma redução da perfusão sanguínea no local que forma os “shunts” arteriovenosos e trombose no estojo córneo.

Segundo Reis (2014), a laminite acontece em dois quadros que são o agudo e crônico. O quadro agudo é caracterizado pelo início do aparecimento de sinais clínicos que influem claudicação, dor na região da pinça do casco, depressão, anorexia, alternância marcada pelo apoio de membros, relutância em se movimentar, aumento do pulso das artérias digitais à palpação e aumento de temperatura sobre a parede do casco e banda coronária. Tremores musculares, aumento da frequência respiratória e temperatura retal, além de sinais de ansiedade também podem ser observados. A laminite crônica é a continuação do processo agudo e tem início com o primeiro sinal de deslocamento da falange distal dentro da cápsula do casco. Esta pode durar, indefinidamente, com sinais clínicos que abrangem claudicação amena constante, dor severa no membro, degeneração das junções lamelares, decúbito, deformação na parede do casco e esfacelamento do casco.



Reis (2014) conceitua a doença como uma desordem metabólica sistêmica já que consegue afetar diversos sistemas, tais como o sistema cardiocirculatório, renal, endócrino, o equilíbrio hidroeletrolítico e a coagulação sanguínea. De acordo com Veronezi (2008), os processos vasoativos alterados e a coagulopatia são responsáveis pela perfusão capilar diminuída e pela necrose isquêmica que ocorre nas lâminas do casco.

Já Nicoletti et al (2000) relatam que essa doença pode ser acometida por vários fatores, dentre eles, a alta concentração de carboidratos. Outros fatores que desencadeiam a doença é a causa mecânica que é o transporte do animal ou o trabalho de tração que exige muito do aparelho locomotor em solos duros e há também a que surge de uma causa infecciosa, ou seja, o animal se encontra com pneumonia, por exemplo, a bactéria causadora libera endotoxinas que pode desencadear a laminite.

Segundo Pierezan (2009), o tratamento na fase aguda visa à prevenção da rotação da falange distal e diminuição dos níveis de vasoconstritores e hipertensores sistêmicos, utilizando analgésicos, que visam à diminuição de secreção de catecolamina (vasoconstritor) pelas glândulas adrenais. Já o tratamento da laminite crônica é feito para prevenir maiores danos à pata, como a rotação progressiva da falange distal, e às lesões sistêmicas. O princípio básico para o tratamento inclui aparação do casco para tentar reestabelecer o alinhamento paralelo da falange distal com a superfície da sola e proteger a sola dolorida de pressões e traumas. Após aparação, recomenda-se a colocação de um polímero para corrigir o defeito no ângulo da sola aparada. Em seguida é feita a colocação de bota, que visa a diminuir a dor, fornecendo maior apoio no local e a correção gradativa do posicionamento da falange.

### **Considerações Finais**

A laminite é uma doença que traz muitos prejuízos não só aos animais, mas também aos seus donos. É imprescindível que o proprietário tenha os cuidados necessários para que o animal não desencadeie a pododermatite asséptica difusa, pois uma vez acometido com a doença, o índice de reincidência é muito grande, sendo um tratamento muito caro e demorado. Com isso, é importante que o proprietário cuide da alimentação do animal, evitando uma alta concentração de carboidratos. Além disso, devem-se evitar trabalhos que exijam muito do aparelho locomotor do animal em solos duros e tomar cuidados necessários para o transporte do animal.



Diante disso, os profissionais formados deveriam prosseguir as pesquisas que visem o conhecimento da laminite, podendo, assim, baixar os seus custos do tratamento, pois vimos que essa doença trás diversos prejuízos econômicos ao proprietário, sendo muito importante que ela seja estudada, para um melhor conhecimento e ampliando suas formas de tratamento.

## Referências

HOOD, D.M. **Laminitis in the horse**. Vet. Clin. N. Am.: Equine Pract., v.15, p.287- 294, 1999.

ASSIS, Larissa. **Grandes animais: Laminite equina, desafio veterinário**. VetSmart, p.1, (2016). Disponível em: <<https://www.vetsmart.com.br/blog/2016/05/04/grandes-animais-laminite-equina-desafio-veterinario/>>. Acesso em 18 de abril de 2017.

NICOLETTI, José Luiz et al. **Patofisiologia e tratamento da pododermatite asséptica difusa nos equinos – (Laminiteequina)**. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, v. 3, n. 2 (2000). Disponível em:<<http://revistas.bvs-vet.org.br/recmvz/article/view/3335>>. Acesso em 8 de maio de 2017.

VERONEZI, Guilherme et al. **Laminite Equina**. Revista científica eletrônica de Medicina Veterinária, n. 11 (2008). Disponível em:  
<[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/n2itNo479ULYKqgq\\_2013-6-13-15-58-5.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/n2itNo479ULYKqgq_2013-6-13-15-58-5.pdf)>. Acesso em 15 de maio de 2017.

REIS, Fernanda Baldi. **Laminite Equina**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (2014). Disponível em:<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/106624/000942315.pdf?sequence=1>> Acesso em 15 de maio de 2017.

PIEREZAN, Felipe. **Prevalência das doenças de equinos no Rio Grande do Sul**. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, p. 62-64 (2009). Disponível em:  
<[http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde\\_arquivos/8/TDE-2009-03-25T134152Z-1941/Publico/FELIPEPIEREZAN.pdf](http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_arquivos/8/TDE-2009-03-25T134152Z-1941/Publico/FELIPEPIEREZAN.pdf)> Acesso em 15 de maio de 2017.